

ESTRADA-PARQUE PANTANAL, MS, BRASIL: PAISAGENS RESSIGNIFICADAS, MODOS DE VIDA ALTERADOS

Mara Aline Ribeiro,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Icléia A. de Vargas,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Ana Paula C. de Araújo,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Eixo Temático: Población, gênero e identidades culturais.

A Estrada-parque Pantanal é uma Área Especial de Interesse Turístico (AEIT), com 6.800 Km². Foi a primeira estrada-parque do Brasil, implantada em 1992. Inicia na localidade “Buraco das Piranhas”, adentra a grande planície alagável do Pantanal Matogrossense, seguindo por 120 km até a “Curva do Leque”, próximo à cidade de Corumbá (MS), fronteira do Brasil com a Bolívia. A paisagem pantaneira - expressão do visível e importante elemento do espaço geográfico - é extremamente dinâmica em seus aspectos natural e social. O modo de vida de seus habitantes flui em consonância com o ambiente natural e com a pecuária extensiva de bovinos. Na região, com o advento do turismo desde as duas décadas passadas, a paisagem passa por processos de ressignificação e o modo de vida da gente pantaneira se altera para adequar-se às exigências do novo cenário. O objetivo deste estudo é levantar as principais ressignificações da paisagem natural e cultural da Estrada-parque Pantanal que interferem diretamente no modo de vida da população local. O levantamento se realiza por meio de observação da paisagem, além de entrevistas com a população local e usuários da Estrada-parque. O estudo se apoia nos estudos de Carl Sauer, Denis Cosgrove e Augustin Berque.

Palavras-chave:

Estrada-parque Pantanal; Paisagens ressignificadas; Modo de vida.

ESTRADA-PARQUE PANTANAL, MS, BRASIL: PAISAJES RESIGNIFICADAS, ESTILOS DE VIDA MODIFICADOS

Mara Aline Ribeiro,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Icléia A. de Vargas,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Ana Paula C. de Araújo,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Resúmen: Población, género e identidades culturales

La Estrada-parque Pantanal es un *Área Especial de Interesse Turístico* (AEIT) con 6.800 km². Fue la primera carretera-parque de Brasil, introducida en 1992. Comienza en la localidad “Buraco das Piranhas”, Entra en la llanura de inundación grandes del Pantanal Matogrossense, siguiendo por 120 km hasta la “Curva do Leque”, cerca de la ciudad de Corumbá (MS), la frontera de Brasil con Bolivia. El paisaje pantanero – expresión del visible e importante elemento del espacio geográfico – es muy dinámico en sus aspectos naturales y sociales. El estilo de vida de sus habitantes flui de acuerdo con el entorno natural y con la ganadería extensiva. En la región, con la llegada del turismo en las últimas dos décadas, el paisaje va a través de procesos de redefinición y el modo de vida del pueblo pantanero se cambia para adecuarse a las exigencias del nuevo escenario. El objetivo de esta investigación es identificar las principales redefiniciones del paisaje natural y cultural de la Estrada-parque Pantanal que interfieren directamente en el modo de vida de la población local. La encuesta se lleva a cabo mediante la observación del paisaje, y entrevistas con la población local y los usuarios de la *Estrada-parque*. La investigación se basa en estudios de Carl Sauer, Denis Cosgrove y Augustin Berque.

Palabras-clave: Estrada-parque Pantanal; Paisajes resignificados; El modo de vida.

PANTANAL HIGHWAY PARK, MS, BRAZIL: RE-SIGNIFIED LANDSCAPES, ALTERED LIFESTYLES

Mara Aline Ribeiro,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Icléia A. de Vargas,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

Ana Paula C. de Araújo,
geógrafa, professora, UFMS, Brasil.

ABSTRACT:

The Pantanal Highway Park is a Special Area of Touristic Interest [AEIT], covering 6800km². It was the first Brazilian Highway Park, created in 1992. It begins in the “Hole of the Piranhas” area, enters the flooding plains of the Mato Grosso State part of the Pantanal, follows on 120 km. until the “Fan Curve”, close to the city of Corumba [MS], on the Brazilian frontier with Brazil. The Pantanal landscape – expression of the visible and important element of geographic space – is extremely dynamic in its natural and social aspects. The lifestyles of its inhabitants flow in consonance with the natural environment and with extensive cattle-breeding. With the advent of tourism in the region, over the last two decades, the landscape has been undergoing processes of resignification and the lifestyle of the Pantanal people is being altered in order to become adequate with the exigencies of the new scenario. The object of this study was to detail the principal resignifications of the natural and cultural landscapes of the Pantanal Highway Park, interfering directly in the local population's lifestyles. The data collection was realized through direct observation of the landscape, as well as interviews with the local population and users of the Park Highway. The study was based on work done by Carl Sauer, Dennis Cosgrove, and Augustin Berque.

Keywords: Pantanal Highway Park; Resigned Lanscapes; Lifestyle.

ESTRADA-PARQUE PANTANAL, MS, BRASIL: PAISAGENS RESSIGNIFICADAS, MODOS DE VIDA ALTERADOS

A Estrada-parque Pantanal¹ é uma estrada vicinal tornada a primeira Estrada-parque do Brasil em 1993. Com cerca de 120 km de extensão, tem seu início no entroncamento com a BR-262 com a localidade “Buraco das Piranhas”, onde é denominada MS-184 até a Curva do Leque, a partir de local passa a ser denominada MS-228. O término da estrada é na BR-262 próximo à cidade de Corumbá (Araujo, 2001) e à fronteira do Brasil com a Bolívia.

A estrada segue adentrando ao Pantanal, cruzando quatro sub-regiões do Pantanal (Miranda, Abobral, Nhecolândia e Paraguai), paisagens de forte apelo turístico, servidas por inúmeras pousadas. Essa região fronteira, dominada pela paisagem pantaneira, em sua extensão se apresenta semelhante no Brasil e na Bolívia, tanto em relação aos aspectos naturais e culturais, entretanto, reserva significados distintos que serão discutidos no decorrer deste texto.

O espaço pantaneiro é dinâmico em seu aspecto natural e social, o modo de vida das pessoas, da fauna e da flora pantaneira em consonância com o ambiente natural e o modo de produção, corresponde a afirmação de Milton Santos: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (2009, p.63). O dueto ambiente e sociedade no Pantanal acompanha um momento histórico e o modo de produção vigente. “O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele”. (SANTOS, 2008, p. 67).

Espaço e sociedade são uníssonos e compreendê-los parte do estudo das categorias forma e função que caminham juntas na materialização do espaço. Diferentemente do que se imagina, essas categorias se realizam uma na outra, ou seja, complementam-se.

¹ A Estrada-parque Pantanal é uma Área de Especial Interesse Turístico – AEIT, não enquadrada como Unidade de Conservação. A área considerada, de acordo com o Decreto de criação (Decreto MS no. 7.122/93), é de 300m de cada lado da estrada, o que totaliza 6.800 Km². (SORIANO, 2006, p. 57).

As categorias forma e função desencadearam uma série de entendimentos e definições entre os geógrafos, por exemplo: para Milton Santos “*Forma* é o espaço visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão... função está diretamente relacionada com sua forma; portanto, a função é a atividade elementar de que a forma se reveste” (2008, p. 69).

A compreensão dessas categorias permite ao geógrafo ler o “visível” na paisagem e entender a organização espacial a partir dos significados e ressignificados que o ambiente e a sociedade impõem à paisagem.

A paisagem - elemento que compõe o espaço geográfico - detém os fatores históricos, sociais e naturais que caracterizam o espaço vivido. Identificar a história de um lugar a partir do visível na paisagem, e as diversas formas e funções que ela assume no decorrer de um período, respaldada na afirmação de Castro (2002), para quem a paisagem apresenta-se de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação.

As discussões sobre paisagem seus significados e ressignificados permeiam, dentre outros, os estudos geográficos de Carl Sauer, Denis Cosgrove, e Augustin Berque, os quais entendem paisagem das mais variadas formas, conforme trechos abaixo.

Para Sauer:

A paisagem geográfica é vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma dada área é analisada morfológicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural (1998, p. 9).

Em Berque observa-se a relevância social da paisagem:

Como manifestação concreta, a paisagem está naturalmente exposta à objetivação analítica do tipo positivista; mas ela existe, em primeiro lugar, na sua *relação* com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica.

[...] A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno (1998, p. 84-85).

E para Cosgrove:

As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de **significados** (grifo meu). Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. (...) Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Uma geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (1998, p. 121).

É essencial utilizar os conceitos de paisagem que interagem o natural e o cultural, para uma análise comprometida com a realidade empírica e científica de um determinado objeto.

A paisagem do Pantanal nos últimos vinte anos passou por significações e ressignificações na sua forma e funcionalidade com o advento do turismo, a prática da atividade turística reorganizou o ambiente pantaneiro e conseqüentemente o modo de vida da gente pantaneira. Para a inserção do turismo, a paisagem pantaneira passou por alterações, para permitir a instalação da nova atividade. O processo econômico, social e cultural foi gradativamente modificando a paisagem do Pantanal para atender às necessidades impostas pela nova modalidade econômica: o Turismo.

A leitura do visível na paisagem

Para entender o visível na paisagem é primordial um resgate histórico do espaço e de seus significados e ressignificados. A paisagem da Estrada-parque

Pantanal nos últimos vinte anos passou por transformações na sua forma e função. Atualmente a atividade econômica gira principalmente em torno da pecuária de corte em regime extensivo, seguida do turismo.

As fazendas pantaneiras, até a primeira metade do século passado praticavam quase que exclusivamente a pecuária extensiva. A prática do turismo na Estrada-parque Pantanal iniciou com o chamado turismo de pesca, porque, segundo Moretti (2006, p. 63), “O desenvolvimento da atividade turística no Pantanal está relacionado ao uso da natureza através da sua produção e consumo e, como a água é o elemento determinante da planície pantaneira, a atividade pesqueira é a principal atração turística”.

A crise na pecuária na segunda metade do século passado em consonância com o advento do turismo de pesca a partir de 1970 proporcionou aos proprietários de terras no Pantanal, vislumbrarem o turismo como uma atividade que complementaria o lucro. A partir de então passaram a reorganizar a paisagem pantaneira - forma -, para transformar o potencial turístico natural em produto turístico - função. Como por exemplo, a construção de pousadas, caracterizadas pela rusticidade, simplicidade e administração familiar, a elaboração de trilhas para caminhadas a pé, a cavalo e em tratores adaptados para transportar os turistas.

No Pantanal, algumas pousadas foram construídas nos anos 80 do século passado com a função exclusiva de atender ao turismo de pesca. Já no início da década de 1990, novas construções foram feitas, desta vez visando também ao turismo contemplativo².

Nos últimos anos da década de 1980 as condições da infraestrutura das estradas, do transporte e da comunicação, melhoraram significativamente e os turistas voltados para o turismo contemplativo começaram a fazer parte da paisagem pantaneira. As pousadas se reestruturaram para atender os novos clientes, que buscam o reencontro com o ambiente natural.

Com a melhoria na infraestrutura turística, a região passou por outro reordenamento na paisagem (o visível) e as pousadas se reestruturaram para

² Neste texto a expressão turismo contemplativo representa a prática turística no ambiente natural, também conhecida como turismo de natureza ou ecoturismo, dentre outras denominações.

atender principalmente o turismo contemplativo, mantendo os *campings*, os barcos-hotéis, os pesqueiros e os ranchos para a prática do turismo de pesca.

As pousadas construídas na região da Estrada-parque Pantanal recebem turistas para a pesca e também para o chamado turismo contemplativo. Pesca e contemplação são atividades distintas, mas que detém pelo menos, uma função comum: a aproximação do ser humano com o ambiente natural.

A reorganização em sua forma e função pela qual a paisagem pantaneira passou em um período de vinte anos oferece a oportunidade da vivência desses processos, por parte da população e dos pesquisadores. Alguns exemplos podem elucidar a afirmação, nas pousadas até os anos de 1990 a energia era produzida por meio de um grupo gerador, movido a óleo diesel, durante uma parte do dia, segundo a conveniência, a necessidade e a prosperidade de cada pousada, por se tratar de uma alternativa de alto custo, e com volume de som desconfortável devido o motor do grupo gerador. Há 15 anos a comunicação era feita por rádio em horas pré-determinadas. A população pantaneira teve acesso a televisão via satélite com a inserção das antenas parabólicas, nos anos 2000. Atualmente, a extensão da Estrada-parque Pantanal em sua maioria, conta com rede de energia elétrica, comunicação via celular e internet, nas fazendas e nas pousadas.

Os exemplos acima transcrevem uma pequena parte dos significados e dos ressignificados pelos quais a paisagem pantaneira passou nos últimos anos.

A gente pantaneira

O advento do turismo promoveu alterações na “paisagem cultural” da região, no modo de viver, na gastronomia, no vestuário, na linguagem, nas relações sociais e profissionais da gente pantaneira.

No Pantanal o homem trabalhava na lida do gado, a mulher no suporte doméstico dessa lida e os filhos ajudavam aos pais, em um contexto de poucas relações exteriores por conta do relativo isolamento em que viviam.

Com a implantação e implementação das pousadas, houve um reordenamento nas relações sociais do Pantanal. A gente pantaneira que tinha como característica a simplicidade nas relações sociais, em função do trabalho

voltado à criação de animais, no novo quadro passou a se relacionar com os turistas/clientes das mais diferentes origens, culturas, nacionalidades, costumes e linguagens.

A região não dispunha de recursos humanos qualificados para atender a demanda do turismo - guias de turismo, camareiras, cozinheiras, faxineiros, garçons, administradores, entre outros. Então, os peões e seus familiares passaram a cumprir essa função. Assim, por exemplo, os homens - ex-peões - começaram a trabalhar como guia de turismo, as mulheres como cozinheiras, as filhas como camareiras e os filhos na manutenção e limpeza das pousadas. Um pantaneiro que trabalha com o turismo desde 1988 assim falou: “Quando a pousada ficou pronta, meu patrão me transferiu da fazenda para a pousada” (RIBEIRO, 2004, p. 71). A nova atividade profissional foi praticamente imposta pelos proprietários.

A despeito das dificuldades de adaptação ao novo ordenamento profissional, a renda das famílias aumentou com o salário somado às gorjetas (salário fixo e renda extra), fortaleceu a economia familiar. Antes da implementação da atividade turística os pantaneiros mantinham-se “reféns” dos armazéns das fazendas, que consumiam grande parte da remuneração mensal.

Com o incremento do turismo nas regiões pesquisadas, as relações humanas, sociais e de trabalho começaram a ter um novo formato. A gente pantaneira que vivia em pequenas comunidades passou a dividir espaço com pessoas de outras formações socioculturais. O contato entre pantaneiro e turista transformou o modo de vida da população autóctone.

As ressignificações pelas quais passaram a paisagem “natural” e “cultural” do Pantanal influenciaram significativamente a relação do ser humano com a sociedade e o ambiente. Como exemplo, as interferências no trabalho que, em parte, descaracterizaram a identidade profissional; como consequência, os trabalhadores iniciaram um processo de rotatividade de empregos em busca do reencontro com sua profissão, conforme afirmam dois pantaneiros em (RIBEIRO, 2004, p. 71):

[...] eu fui gostando de trabalhar com turismo. Depois eu não quis continuar. Eu fiquei uns quatro meses trabalhando numa oficina. Depois um colega me informou desse serviço, e como

eu gostei de trabalhar com o turismo eu voltei. Mas eu queira mesmo era fica só na fazenda. (E2)

Eu comecei a trabalhar aqui em 1988, parei em 1995, voltei em 1997, sai em 1998 e voltei em 2001. Eu estava trabalhando nas fazendas. Agora estou satisfeito aqui. (E1)

Para Hall (2006), a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade, pois,

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas (2006, p. 12).

Partindo dessa premissa é possível afirmar que os trabalhadores do turismo no Pantanal transformarão suas identidades profissionais quando ultrapassarem a fronteira de um novo cenário de produção – o turismo - e passarem a compor efetivamente a atividade turística, ou seja, tornarem-se efetivamente profissionais do turismo, não apenas cuidadores de gado em disfunção. Nessa situação, os trabalhadores do turismo no Pantanal terão incorporado mais uma atividade profissional em seus currículos.

IX- Referências bibliográficas

ARAUJO, R. M. P. *Estrada parque Pantanal: uma ferramenta de conservação da biodiversidade pantaneira*. Dissertação (mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, 2001.

SORIANO, A.J.S. *Estrada-parque: proposta para uma definição*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2006.

BERQUE, A. *Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p. 75-83.

Castro, D. G. *Significados do conceito de paisagem: um debate através da epistemologia da geografia*. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm> Acesso em 02/09/2010.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p. 92-123.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<http://www.ibge.gov.br/home/>

<http://www.corumba.ms.gov.br/>

<http://www.riosvivos.org.br/canal.php>

<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>

<http://www.turismo.ms.gov.br>

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

MOREIRA, R. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORETTI, E. C. *Pantanal visível e real oculto: a atividade turística no Pantanal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

PELLLEGRINI FIHO, A. *Ecologia, Cultura e Turismo*. 5ª Ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PORTO GONÇALVES, C. W. *Da Geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*. In Sader, E. e Ceceña, Ana Esther (org.) *La Guerra Infinita: hegemonía y terror mundial*, Clacso, Buenos Aires, 2002.

RIBEIRO, M. A. *Pantanal/MS: turismo e pousadas*. In Netto, A. P. e Marques, H. R (org) *Reflexões em turismo: Mato Grosso do Sul*.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Afrontamento: 2002.

SANTOS, D. *A Reinvenção do espaço*. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTOS, M. *A natureza do espaço técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997. 2 ed.308 p.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Espaço e Método*. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAUER, C. O. *A morfologia da paisagem*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.12-74.

SORIANO, A.J.S. *Estrada-parque: proposta para uma definição*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2006.

SUERTEGARAY, D. M. A. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. In: *Scripta Nova - Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales*. Universidad de Barcelona. N. 93, 15 de julio de 2001.